

Seringal vira atração para turista no cerrado

O coreto lembra as cidadezinhas do interior de Minas. A poucos metros dele, outra construção — esta centenária — lembra Goiás. É uma casa de barro e madeira, reformada, que agora abriga obras de artistas que trabalham na Torre de TV.

Desde que comprou a Fazenda Monjolo, há três anos, o advogado Vadim Arsky, 62 anos, investe em reformas para adaptar a propriedade de 150 hectares ao ramo do agroturismo. Os antigos galinheiros já foram transformados em confortáveis chalés e a pocilga que nunca havia sido utilizada virou um vestiário.

É lá também que a banana virou atração. Para transformar a fruta em banana passa, o advogado instalou na fazenda um sistema de desidratação com energia solar. As bananas ficam estiradas sobre uma grelha, dentro de um compartimento fechado, que recebe o calor acumulado por pedras pintadas de preto.

“Resolvi investir no agroturismo para viabilizar outro projeto meu aqui na fazenda”, explica Vadim. Há três anos, ele resolveu aplicar o dinheiro que ganhou em uma causa no plantio de seringueiras. Apesar de pouco difundida na região, a cultura dessa árvore, típica da Floresta Amazônica, encontra no cerrado o clima ideal para crescer saudável e distante dos fungos que comprometem a produtividade.

“Podia ter aplicado o dinheiro fora do país. Mas acho que a obrigação de todo mundo que tem uma reserva é gerar emprego”, conta o advogado, que escolheu investir nas seringueiras depois de ter trabalhado no Conselho Nacional da Borracha.

EM FAMÍLIA

No seringal, que ocupa 15 hectares, as 10 mil árvores plantadas ainda estão em fase de crescimento, mas também já são atração turística. O roteiro da Monjolo inclui ainda uma visita à Oficina do Doce, lo-



Vadim Arsky no coreto da Fazenda Monjolo: chalés no lugar do galinheiro

cal onde são fabricadas as geléias e doces que carregam no rótulo o mesmo nome da fazenda.

O agroturismo foi a forma en-

contrada por Vadim para comercializar seus produtos e manter a propriedade até que as seringueiras estejam prontas para a retirada

da seiva. O faturamento, ainda instável e insuficiente para manter os gastos da fazenda, costuma chegar a R\$ 1 mil nos domingos de maior movimento.

Além de garantir um dinheiro extra, o agroturismo na Fazenda Monjolo envolve toda a família. O filho Eugênio, administrador de empresa, cuida do negócio. A parte jurídica fica por conta de Ivan, que seguiu os passos do pai e se formou em Direito. Elisa, a nora, é desenhista industrial e elaborou os rótulos da linha de doces. O filho que tem o mesmo nome de Vadim é músico e costuma fazer apresentações no coreto da fazenda. Ana Maria, a única filha, é arquiteta e projeta os espaços da fazenda. E a mulher, Regina Maria, ajuda na administração.

LEIA AMANHÃ

Quem são e como vivem os produtores rurais do DF